



Entrevista com Pedro Ignácio Schmitz





Pedro Ignácio Schmitz

Gabriele Rodrigues de Moura*

Pedro Ignácio Schmitz, filho de Pedro Fridolino Schmitz e Maria Hilda Angst Schmitz, nascido em 30 de agosto de 1929, em Bom Princípio, Rio Grande do Sul. Fez sua formação básica no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul/RS. Reside atualmente em São Leopoldo/RS. É sacerdote jesuíta. Desde 1963 está ligado à instituição universitária que inicialmente se chamava Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, a partir de 1969, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Sua formação é diversificada, sendo Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Cristo Rei, São Leopoldo, em 1954. Bacharel e Licenciado em História e Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em 1958. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Cristo Rei, São Leopoldo, em 1962. Livre-Docente em Antropologia e Doutor em História e Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1976.

Trabalhou como Professor de História no Colégio Anchieta, Porto Alegre, 1955-1958. Professor de Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1958-1987. Fundador do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, em 1975. Durante os primeiros anos também foi professor de Etnografia do Brasil e Língua Tupi. Professor de Antropologia e Arqueologia na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de São Leopoldo, desde 1963, e seu último diretor (1967-1969). Um dos fundadores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, em 1969.

RLAH - O senhor poderia saber sobre suas pesquisas?

Pedro Ignácio Schmitz - Minhas primeiras pesquisas em arqueologia datam de 1957, 1958 e 1959. A partir de 1965 as pesquisas se tornaram sistemáticas, com recursos do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Desde 1971 sou bolsista de produtividade do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), atualmente como Pesquisador Sênior. As pesquisas arqueológicas cobriram o povoamento

* Possui graduação em História (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009) e mestrado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2013). Membro da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH). Atualmente é Professora Visitante (Tutora em EaD) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tem experiência na área de História com ênfase em História Moderna e História da América, atuando principalmente nos seguintes temas: História das Missões Jesuíticas, História Eclesiástica, Companhia de Jesus, Escrita Jesuítica e Literatura Barroca.



indígena dos cerrados de Goiás, Tocantins, sudoeste da Bahia, sertão de Pernambuco, Pantanal do Mato Grosso do Sul, grande parte do estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os projetos eram realizados em convênio com instituições locais e todos os resultados foram publicados.

Por ainda não existirem no país programas de pós-graduação, minha preparação para a pesquisa foi construída juntando conhecimentos e práticas em cursos formais de graduação, em estágios no país e no exterior (Áustria, Argentina, EUA, Paraguai) e intenso estudo bibliográfico. Através do concurso de livre-docência, permitido de 1972 a 1976 a professores com cinco anos de docência universitária, ou dez anos de formação acadêmica, consegui, de uma só vez, o título de livre-docente em Antropologia e de doutor em História e Geografia, minha formação básica. Depois desse prazo, o pré-requisito para o concurso de livre-docência passou a ser o título de doutor.

Os milhares de profissionais brasileiros, que, como eu, validaram seu conhecimento através desse concurso de livre-docência, estão na base de inúmeros programas de pós-graduação, que, a partir de então, surgiram por todo o país, juntando forças com doutores formados no exterior. Não era a formação ideal, mas a possível. Pessoalmente estou ligado à criação do programa de Antropologia Social da UFRGS e à do programa de História da UNISINOS, surgidos a partir deste momento.

RLAH – Poderia comentar sobre sua relação com o Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS?

Pedro Ignácio Schmitz - Sou um dos fundadores do Programa de Pós-graduação em História, o primeiro da UNISINOS. Eu já era professor e já possuía título. A coordenadora era a Profa. Beatriz Vasconcelos Franzen, minha colega desde o curso de Geografia e História da UFRGS. Como ela não quis fazer o concurso de livre-docência, para assumir a coordenação, precisou que o Conselho Universitário lhe concedesse o título de “Insigne Saber”. No corpo docente dos primeiros anos do programa estavam ainda Arthur Blásio Rambo, que também fizera concurso de livre-docência na PUCRS, Dr. Rafael Carbonel, Dr. Bartomeu Meliá, Dr. Lúcio Kreutz, Dr. Werner Altmann, Desembargador Rui Ruben Ruschel, Dr. Calderón Beltrão e Marcus Tramontini, além de outros que não lembro.

Para funcionar, o curso precisou agrupar professores titulados, mesmo de campos díspares. O PPGH-UNISINOS tinha, inicialmente, forte acento em História Ibero-americana, mas ao longo de uma pesada discussão passou para História Latino-Americana. O programa



ia incorporando representantes com forte acento social e tendência marxista, muito forte nas universidades do tempo e que depois se foi diluindo.

Havia disciplinas obrigatórias centradas na história ibero-americana, teoria e metodologia, e disciplinas optativas para preencher determinado número de créditos. Reduções Jesuíticas e Arqueologia eram campos muito procurados e a primeira dissertação do programa foi em arqueologia. Havia insistência permanente nas reuniões do colegiado que os alunos trabalhassem temas ibero-americanos ou latino-americanos amplos e não se fixassem em estudos locais. Por causa da proveniência dos alunos e das disponibilidades locais isto não era fácil de realizar.

A dissertação era avaliada por uma comissão que atribuía a nota final, sem necessidade de uma reunião formal e uma defesa pública; a avaliação prévia da dissertação e da tese, ainda existente é um resquício desta forma simplificada de proceder. O mestrando, depois de aprovado pela comissão, só tinha obrigação de apresentar o seu trabalho sem necessidade de a comissão inteira estar presente. A consolidação do corpo docente, especialmente com professores aposentados da UFRGS e maiores exigências da CAPES, tornou as exigências mais estritas.

A aposentadoria dos professores aos 65 anos e a abertura de concursos em universidades federais, onde o professor conseguia maior estabilidade, aceleraram a rotatividade dos docentes e dos campos que os mesmos representam. Com isso também se foi alterando a atração exercida pelas diversas linhas de pesquisa.

O mestrado e o doutorado estão consolidados e vêm produzindo trabalhos de valor. A demanda se mantém reduzida por causa da pequena disponibilidade de bolsas integrais, destinadas a garantir a sobrevivência dos alunos. Nessas condições, em vez de estudar, o aluno gasta a maior parte de seu tempo trabalhando para sobreviver e pagar as taxas acadêmicas. O rendimento é menor, reduzindo também a competitividade dos formados no campo da profissão; eles competem adequadamente no campo regional, mas têm mais dificuldades no âmbito nacional ou internacional.

Nos 25 anos de colaboração com o Programa de Pós-Graduação de História venho oferecendo abordagens diferentes da população indígena americana, buscando atender o interesse e a necessidade dos alunos inscritos na disciplina: o enfoque pode ser a trajetória dessa população na América desde a sua chegada até os tempos atuais, a história do índio brasileiro, as missões religiosas, a recente conscientização indígena, a busca da cidade como um novo 'campo de caça', ou algum aspecto isolado da história pré-colonial. As dissertações



e teses que oriento apresentam este mesmo leque de assuntos: muitas vezes exploram trabalhos específicos, outras vezes elaboram temas gerais.

Entrevista realizada no verão de 2012.

Recebido em Julho de 2013 - Aprovado em Julho de 2013.